



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

A Competência Moral e a Religiosidade e Espiritualidade

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone

GERONE, L. G. T. A Competência Moral e a Religiosidade e Espiritualidade. *In*: BATAGLIA, P. U. R.; ALVES, C. P.; PARENTE, E. M. P. P. R. **Estudos sobre competência moral: propostas e dilemas para discussão**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 191-208. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-220-8.p191-208>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A COMPETÊNCIA MORAL E A RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone

Introdução

Entende-se que a temática sobre a moral³ está presente no desenvolvimento humano, no âmbito do espírito⁴ e religioso. Na filosofia pré-socrática⁵, o bem e mal como questões morais estavam ligadas à

³Para Bataglia (2001), moral é compreendida como um conjunto de regras, com determinados conteúdos, que são adotadas pelo sujeito, às quais se conforma e de acordo com as quais procura agir. Também, entende-se como moral (*mores*) “a morada do ser”, uma reflexão de prevalência ética, não somente de regras ou costumes, portanto uma moral ética (BOFF, 2003).

⁴ Aqui entendido como “psique”, do grego *psykhé*, que retrata a natureza de espírito, os pensamentos, os sentimentos, os comportamentos, à consciência e a personalidade (AULETE, 1980).

⁵Entende-se o período entre os séculos VII ao V a.C. Como filósofos que antecederam Sócrates e buscavam nos elementos natureza as respostas sobre a origem do ser e do mundo. Por isso, chamados de “**filósofos da physis**” ou “filósofos da natureza”. Eles são os responsáveis pela transição da consciência mítica para a consciência filosófica, com a busca de uma explicação racional para a origem de todas as coisas (JEAGER, 1995).

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-220-8.p191-208>

mitologia grega⁶ dos deuses, que influenciava o comportamento, o modo de viver e ser (JEAGER, 1995).

Na filosofia clássica, em Platão, a virtude é fundamental para realizar um juízo, agir de acordo com o bem, uma metafísica⁷ suprema em que: "a alma quando está em si mesma e analisa as coisas por si mesmas, sem se valer do corpo, encaminha-se para o que é puro, eterno, imortal, imutável [...]" (PLATÃO, 1999, p. 149). Este pensamento platônico influenciou a Cristandade⁸, para Agostinho de Hipona o espírito humano é iluminado por Deus, que através das práticas religiosas, direciona o ser para uma vida virtuosa, a beatitude e a felicidade (AGOSTINHO, 2000).

Segundo Aristóteles, a moral é uma orientação para alcançar a felicidade e a vida boa, acessível ao ser virtuoso que respeita os valores morais, e tem compreensão da *eudaimonia*⁹ (um poder metafísico divino).

⁶ Entende-se como um conjunto de mitos, histórias e lendas sobre os deuses. O desenvolvimento da mitologia grega ocorreu perto de 700 a. C. Neste período, a religião na Grécia Antiga era politeísta. Destaca-se que os principais escritos da mitologia grega estão são datados no século VIII a.C. por Hesíodo (Teogonia), e por Homero (Ilíada e Odisséia). Na primeira obra, a Teogonia, trata-se da origem e a história dos deuses gregos. Na segunda obra, na Ilíada e Odisséia, encontram-se escritos sobre os deuses e heróis (humanos). A mitologia grega dos deuses ganhou seu espaço na reflexão humana e moral devido aos deuses terem atributos humanos, corpo e sentimentos como amor, felicidade, inveja, traição, ira e outros (TRABULSI, 1992).

⁷ A **metafísica** é um ramo filosófico que estuda a existência do ser. Procura-se entender, compreender o mundo, a natureza, e a estruturas basilares da realidade. Derivado do grego, entre o prefixo "meta" significa "além de". Uma questão tratada de forma sistemática em Aristóteles, como filosofia primeira, a base de toda filosofia como uma ciência do ser enquanto ser. No pensamento de Aristóteles a existência dos seres é composta por causa material: o corpo está composto de matéria. Sangue, pele, músculos, ossos, etc. Forma: Aspectos como cabeça, dois braços, duas pernas etc. A forma nos qualifica como seres humanos. Eficiente: por que existimos? Porque alguém nos fez. Final: o ser existe para algo. A resposta é encontrada através daquilo que transcende, ou seja, uma finalidade, uma meta. Em Aristóteles a finalidade do ser era a ética enquanto dimensão de felicidade (JEAGER, 1995).

⁸ Entende-se como um sistema social de relações entre a Igreja e do Estado, que influenciou as questões sociais, políticas e morais (GOMES, 1997).

⁹ "Entende-se como *Eudaimonia* a formação entre o prefixo "eu" que significa "bem disposto" e "*daimon*", "um poder metafísico divino"; "*eudaimon*" um adjetivo para "feliz". No período grego

Dentro deste pensamento, Tomás de Aquino, na Suma Teológica, fundamenta-se na metafísica aristotélica, em que a felicidade humana relaciona ao Divino. A Lei Divina conduz o ser à vida cristã e ao paraíso, guiando as outras leis.

Kant¹⁰ propõe uma *metafísica dos costumes*. De acordo com Zanella (2008) dentro do pensamento kantiano a moral e a religião estão relacionadas. De um lado, a moral como deveres são questões fundamentais ao ser racional, que age conforme um sistema universal¹¹. De outro lado, na religião, os deveres fazem parte da vontade e dos mandamentos divinos e corresponde a perfeição. A relação está no fato que a moral atinge a sua plenitude na absoluta autonomia da razão prática (ser racional), em que torna uma lei para si mesma como dever perfeito e incondicional.

O estudo¹² de Jean Piaget (1896-1980) é pioneiro sobre o desenvolvimento moral. De acordo com Silva (2018) Piaget também foi o pioneiro a relacionar a religião com o desenvolvimento humano quando percebeu que o uso expressivo da linguagem, a utilização de símbolos e o senso moral do que é bem ou mal remetiam a religião. Influenciado por Piaget, Kohlberg (1981) diferenciou as questões religiosas e morais, todavia, relacionou nos estágios de desenvolvimento moral. De acordo com Kohlberg algumas questões morais são respondidas através das dimensões espirituais e religiosas. Tais como, é bem ou mal? A resposta

antigo, a felicidade atrela-se ao poder de usufruir dos dons divinos. Para Platão, a felicidade é produto da sabedoria que acede ao mundo das ideias (PLATÃO, 1999).

¹⁰ Entende-se que no pensamento de Kant (1724-1804) o ser humano não é capaz de responder algumas questões metafísicas como a existência de Deus. Neste sentido, Kant valoriza a razão. Mas, não desconsidera a influência da religião na moral.

¹¹ Quando as ações pessoais são moralmente boas ao ponto de que elas tornam lei universal (KANT, 2004).

¹² Uma teoria cognitiva do desenvolvimento moral em sua obra *Le judgment moral chez l'enfant* (1932).

para isso não está somente em seguir preceitos morais, mas abrange um sentido e propósito de ser, o que pode associar as dimensões espirituais e religiosas. Também influenciado por Piaget, James Fowler (1992) desenvolveu estágios¹³ da fé relacionados à moral no desenvolvimento humano, nas decisões e propósito da vida.

Diante do contexto acima, este estudo tem como objetivo, entender como a religião influencia o desenvolvimento moral, na reflexão do bem e mal, de ser e viver, nos propósitos pessoais, na busca da felicidade e o sentido de vida, e especificamente, nas tomadas de uma decisão moral, o que remete a competência moral. Para isso, este estudo justifica-se e estrutura-se da seguinte forma: a) É possível encontrar a espiritualidade em diferentes abordagens epistemológicas: pré-socrática, em Platão, em Agostinho, em Aristóteles, em Tomás de Aquino, Kant, Piaget, Kohlberg e Fowler. Para eles, existe uma relação entre as questões morais com as espirituais (religiosas ou não); b) Nas relações das noções dos termos da competência moral, da religiosidade, e da espiritualidade. Neste contexto, é utilizada a religião cristã como um exemplo para compreender a relação entre a competência moral e a religiosidade devido a maior parte da população brasileira ser cristã (GERONE, 2015); c) Nas implicações da religiosidade e da espiritualidade para a competência moral. Neste momento, aponta-se que o estado de espírito, de forma racional, auxilia nas decisões de juízos, o que é o justo nas ações morais e sociais. Também, aponta-se como Kohlberg (1981) compreendeu a questão religiosa dentro dos estágios do desenvolvimento moral, e como Lind (2006) em estudos

¹³ A fé (pode ou não remeter a religião) é algo intrínseco a todo ser humano e serve como nortes dos valores morais, éticos e do comportamento social. Os estágios são: 0) Fé indiferenciada (um pré-estágio); 1) Fé intuitivo-projetiva; 2) Fé mítico-literal; 3) Fé sintético convencional; 4) Fé individuativo-reflexiva; 5) Fé conjuntiva e 6) Fé universalizante.” Entende-se que tais estágios são meios de desenvolvimento que corresponde a uma tipologia de fé, que relaciona com a própria existência, história pessoal e coletiva, (FOWLER, 1992).

sobre a competência moral encontrou uma segmentação moral com a influência religiosa em estudantes de medicina relacionada ao ambiente de aprendizado médico (BATAGLIA, 2020). Pois, a formação dos profissionais da saúde visa mais o lado científico e biomédico devido à separação entre a ciência e a religião.

Neste contexto, na atualidade, a espiritualidade é uma dimensão importante para a competência moral na área médica, como: na formação contínua e integral, nas implicações no modo de viver, e nas tomadas de decisões referentes ao estado de saúde-doença, que pode ajudar a diminuir os conflitos morais entre as questões religiosas, espirituais e a saúde.

Nas considerações apontam-se algumas discussões centrais deste estudo. A noção de espiritualidade possui uma disposição para a competência moral no que tange a reflexão ética-moral. Pois, é no estado de espírito que avalia a si mesmo, a ação moral e social, as quais se desdobram no comportamento da autonomia, da solidariedade e altruísmo. Dimensões que compõe a noção da espiritualidade.

Considera-se que dentro da religiosidade, a moral associa-se mais aos costumes, tradições e normas, representadas por um sistema de doutrinas e dogmas religiosos que podem reduzir a competência moral.

Portanto, entende-se que a espiritualidade é uma intermediadora entre as questões religiosas e morais, pois a espiritualidade corporifica um conjunto de pensamentos e atitudes que vão além da religiosidade, o que ajuda na competência moral, como por exemplo, a construção de uma visão integral em experiências morais e sociais.

Por fim, entende-se que na contemporaneidade, a espiritualidade é uma intermediadora entre as questões religiosas e científicas, como por exemplo, na relação entre a religiosidade e a formação médica a

espiritualidade é um recurso educativo para a formação integral, o que influencia a competência moral dos profissionais da saúde, no modo de viver, nas tomadas de decisões referentes ao estado de saúde-doença, e a lidar com os conflitos morais entre as questões religiosas e a saúde.

A Competência Moral, a Religiosidade e a Espiritualidade

De uma forma introdutória é importante entender a noção sobre o que é competência moral. Para Bataglia (2020) que concentrou uma vasta pesquisa sobre a moral em cima de estudos de Kohlberg, Lind¹⁴ e Puig, a competência moral é: “a capacidade de agir de modo ético” (p. 14), “uma habilidade que se evidencia no social, em situações de conflito e que conjuga aspectos diversos da personalidade: emoções, sentimentos, atitudes, razão, disposição” (p. 18).

Sobre a noção da espiritualidade e religiosidade existe no meio acadêmico e popular uma associação entre elas, mas, não são.

Entende-se a espiritualidade como um estado e natureza de espírito, uma ontologia¹⁵ que implica nas decisões da vida, nos valores, nas relações sociais, e no sentido e o propósito da vida, e na fé¹⁶. Portanto, a

¹⁴ “o conceito de competência estava sendo trabalhado e operacionalizado pelo pesquisador alemão Georg Lind que elaborou na década de 1970 o Moral Competence Test (MCT), um instrumento de avaliação da competência moral”. (BATAGLIA, 2020, p. 14).

¹⁵ Parte da metafísica que trata da natureza, realidade e existência (AULETE, 1980).

¹⁶ Para Fowler (1981) a “*fé é um aspecto genérico da luta humana para achar e manter sentido, e que ela pode ou não exprimir-se pela religião*” (p.83). De acordo com Fowler faz parte da natureza humana buscar sentido e, este está associado a fé que pode ou não levar para práticas religiosas. Entende-se que Fowler separa fé e religião, sendo fé um “*mistério que nos envolve*” (p.39), uma “*realidade transcendente*” (p. 168), em outras palavras, a espiritualidade.

espiritualidade¹⁷ é parte do construto humano que se desenvolve a partir das experiências pessoais e sociais que pode implicar (ou não) no comportamento religioso (GERONE, 2020). Ou seja, a espiritualidade como um estado de espírito antecede a religiosidade, uma qualidade, comportamento e prática procedente da religião¹⁸.

Por religiosidade entende-se como um sistema de crenças e práticas seguidas por um grupo de pessoas que se relacionam, amparam-se em um conjunto de ritos, doutrinas, ensinamentos, normas, e acreditam, idolatram uma figura personificada¹⁹ do Sagrado, do Divino ou de um Deus, como por exemplo, o cristianismo é uma relação entre pessoas²⁰ que aderiram aos símbolos, as liturgias, e aos ensinamentos morais e espirituais²¹ de Jesus Cristo.

Diante do contexto acima, entende-se que as noções de espiritualidade e religiosidade são diferentes e abarcam a noção moral também de formas diferentes.

De um lado, a espiritualidade como uma ontologia conota com a noção de moral enquanto uma “morada do ser”²². No estado de espírito,

¹⁷ Neste aspecto, a espiritualidade também pode ser entendida como: solidariedade, empatia, alegria, amizade, sentido e propósito de vida, um espaço de reflexão da vida, uma transcendência daquilo que é material e genérico (GERONE, 2020).

¹⁸ Com etimologia latina, *religare*, se entende como “religação”, uma conexão-relação entre o ser humano e Divino (GERONE, 2020).

¹⁹ Possui forma, aspecto, qualidades, características, padrão, ou aquilo que é encarnado (AULETE, 1980).

²⁰ A comunhão com Deus e as pessoas é uma prioridade no cristianismo. *Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e ao próximo como a si mesmo.* (MARCOS 12:29-34).

²¹ Dentro do conceito da maioria das religiões o que é espiritual origina-se no próprio Sagrado, no Divino ou em Deus. Neste sentido, o religioso vê o que é espiritual como parte da sua construção humana, mas antes disto, é um aspecto da Criação e essência Divina. Como por exemplo, no Cristianismo Deus por meio de seu Espírito, emana em toda a vida: “*O Espírito de Deus me criou, e o sopro do Todo-poderoso me deu a vida*” (Jó 33.4)

²² Termo acunhado por Boff (2003) que propõe uma ética compatível com a espiritualidade.

de forma racional, avalia-se a si mesmo e as decisões de juízos, o que é o justo (certo e errado) nas ações morais e sociais (CORTINA; MARTÍNEZ, 2005). Entende-se este contexto como uma disposição para a competência moral. Portanto, a espiritualidade como uma reflexão ética-moral constitui a competência moral, que se desdobra no comportamento, em ações de solidariedade, altruísmo, justiça que contribuem para a autonomia moral²³.

De acordo com Kohlberg (1981) a autonomia moral faz parte do juízo moral e é alcançada em estágios²⁴ do desenvolvimento moral. Todavia, existem questões da vida que estão além do alcance moral e são explicadas por dimensões espirituais, como por exemplo, por que fazer o bem? Não se trata apenas de cumprir o senso moral em prol do convívio social, mas, de um sentido e propósito de vida associado à dimensão espiritual. Por isso, para Kohlberg (1981) na consciência humana existe uma ordem cósmica²⁵, que leva ao sétimo estágio no desenvolvimento moral, remetente a dimensão espiritual.

Salienta-se que os estágios em Kohlberg (1981) são construídos, através de dilemas morais o indivíduo passa para estágios mais amadurecidos. Neste sentido, pode-se entender que o sétimo estágio pode

²³ Uma "lei de si mesmo". Uma capacidade de distinção entre bem e mal, autodeterminação, condução da vida em uma perspectiva moral (CORTINA; MARTÍNEZ, 2005).

²⁴ Kohlberg definiu seis estágios do desenvolvimento moral. Os de número ímpar formam as variáveis heterônomas dos níveis de julgamento, neles predomina a percepção da regra ou convenção como imposta. Do outro lado, os estágios pares formam as variáveis autônomas, pois neles prevalece a dimensão de independência do indivíduo face à norma ou regra estabelecida. Os seis estágios são: pré-convencional: Estágio 1: Orientação pela obediência e punição. Estágio 2: Orientação pelo interesse próprio. Convencional: Estágio 3: Orientação pela conformidade social. Estágio 4: Orientação pelo direito e pela ordem. Pós-convencional: Estágio 5: Orientação para contratos sociais. Estágio 6: Orientação pela ética universal.

²⁵ Algo sem imperfeição, injustiça e erro. Também é uma capacidade de sentir uma energia que fez surgir a Terra, as estrelas e as galáxias; essa mesma energia fez emergir todas as formas de vida e a consciência reflexa dos humanos (BOFF, 2010).

colaborar para o desenvolvimento moral. Segundo Habermas²⁶ (2002) a dimensão espiritual²⁷ compõem os valores éticos e a autonomia, e tem a capacidade de potencializar a consciência das normas e a solidariedade entre os indivíduos em uma situação de crise. Entende-se isto como uma disposição da competência moral.

De outro lado, a religiosidade como um conjunto de práticas e crenças seguidas por um grupo de pessoas que estabelecem normas (doutrinas e ensinamentos) para relacionar-se entre si, com os outros e o Sagrado, conota com a moral²⁸ enquanto preceitos que regulam o comportamento humano, o modo de viver, e o entendimento sobre os juízos morais (BOFF, 2003).

Na religião, a moral relaciona-se com a competência religiosa, desenvolvida e entendida em níveis de amadurecimento religioso. Quanto maior aderência a doutrina e ensinamento religioso, maior será a percepção moral para o grupo e indivíduo religioso. De acordo com Bataglia (2020), a religiosidade pode causar a segmentação moral, em que:

[...] indivíduos que são capazes de refletir a respeito de problemas morais, frente a algum conteúdo específico deixam de fazê-lo (p. 36).
Sujeitos que tratam temas sociais como dogmas apresentam uma falta de capacidade de lidar com a controvérsia e pluralidade de ideias de modo pacífico e democrático, levando a uma baixa competência moral (BATAGLIA, 2020, p. 16).

²⁶ Pesquisou e interagiu com os estudos de Kohlberg. Especialmente os estágios do desenvolvimento moral.

²⁷ Em *La pensée post-métaphysique* [O pensamento pós-metafísico], Habermas afirma que a dimensão espiritual (religiosa) é uma necessidade e indispensável à existência. Onde, existem crises que só são respondidas pela fé. Entende-se que a dimensão espiritual é a espiritualidade, que pode levar (ou não) as crenças religiosas.

²⁸ “*mores*” (BOFF, 2010).

Bataglia (2020) destaca que a competência moral é quando o indivíduo: “reconheça a qualidade de argumentos contrários à opinião do sujeito, isso pressupõe outra capacidade que envolve a estrutura cognitiva, porém, mais do que isso, exige uma postura não dogmática em relação a sua própria atitude” (p. 27). Neste sentido, o sujeito religioso possui um senso moral, porém, decide julgar e tomar decisões morais de acordo com as doutrinas religiosas²⁹, com a influência do grupo religioso³⁰, e da sua percepção religiosa³¹, o que pode regredir a competência moral. Sobre isso, Lind (2006) em estudos sobre a competência moral, através de um instrumento (*Moral Competence Test*)³², encontrou uma segmentação moral com a influência religiosa.

Entre os estudos de Lind, em uma pesquisa com estudantes de medicina, encontra-se uma regressão na competência do julgamento moral (*C--score*), que deve estar relacionada ao ambiente de aprendizado médico (BATAGLIA, 2020). De acordo com Gerone (2015), a formação dos profissionais da saúde visa mais o lado científico e biomédico devido à separação entre a ciência e a religião. Na Idade Média, por influência da Igreja Católica, associava-se ao tratamento médico com as crenças

²⁹ Normas, regras, e ensinamentos religiosos, que são condicionadas e dogmáticas, mas, aceitas conscientemente pelo sujeito religioso.

³⁰ As relações sociais dentro de um grupo religioso podem influenciar o comportamento do sujeito. Mesmo não concordando, comporta-se de acordo com o grupo religioso na busca aceitação e reconhecimento e pertencimento social.

³¹ Trata-se de uma reflexão cultural e histórica se as doutrinas, normas e convivência no grupo religioso fazem ou significam algum sentido moral. Onde, o sujeito religioso justifica as ações e decisões morais diante de uma consciência histórica e cultural. Como por exemplo, um cristão fundamenta sua percepção de mundo, de si, e dos outros dentro da sua tradição cultural cristã e em um processo histórico da construção do conhecimento religioso, na maior parte atribuída aos estudos e ensinamentos sagrados. Legados construídos pelos pais da fé, e pela Sã doutrina e Sagradas Escrituras.

³² Propõe uma tarefa moral difícil que envolve a avaliação de argumentos e contra-argumentos. A avaliação focaliza a coerência do sujeito em ponderar a qualidade dos argumentos e não apenas sua própria atitude em relação ao tema do dilema (BATAGLIA, 2020, p. 20).

religiosas³³, como por exemplo, o poder da cura de uma enfermidade estava em Deus, e a doença³⁴ era um resultado do pecado e da imoralidade humana³⁵. Devido a isto, e ao avanço científico na Idade Moderna³⁶, a formação médica torna-se científica e técnica, em que a relação entre a ciência e a religião passou a ser visto como algo artesanal. Surge, então, um modelo de tratamento médico técnico (GERONE, 2015).

Na contemporaneidade, a formação técnica-científica na área médica é discutida. Os enfoques técnicos através da tecnologia e das pesquisas científicas possibilitam curar e tratar enfermidades que em séculos passados eram incuráveis, e assim, proporcionam melhorar qualidade de vida. Contudo, o uso indiscriminado da tecnologia ainda com boas intenções pode resultar no abandono, muitas vezes não intencional, de outras dimensões humanas respeitáveis, como, a comunicação, os valores, a dignidade do ser, os sentidos e propósitos existenciais (GERONE, 2015). Neste sentido, busca-se na formação médica uma visão integral, que abarca a dimensão psicológica, social, ecológica e espiritual (BATAGLIA, 2020). De acordo com Gerone

³³ No início da era cristã até a alta Idade Média, há uma forte crença no poder milagroso do evangelho para curar as doenças. O texto lucano relata o cuidado em saúde como algo profundamente característico a Cristo: “[...] toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude, e curava a todos” (Lc 6.19).

³⁴ A saúde está na valorização do sofrimento e da enfermidade. Acreditavam que Deus salvava apenas pela experiência do sofrimento e da enfermidade, pois um corpo sadio não é com frequência um lugar habitado por Deus (GERONE, 2015).

³⁵ O povo hebreu acreditava que a doença era causada pelo pecado e a saúde ao obedecer a Deus (Gn12:17; Pv 23:29-32). Este pensamento compõe a visão judaico-cristã fortemente na idade Média. Atualmente, percebem-se alguns grupos religiosos com o mesmo pensamento, como por exemplo, o neo pentecostal (GERONE, 2015).

³⁶ O foco tecnológico e prestação de serviços são advindos da Revolução Industrial (GERONE, 2015).

(2015), a espiritualidade pode ser um recurso positivo (*coping*³⁷) que ajuda a lidar com as crises, sofrimentos vivenciados em uma situação de enfermidade entre pacientes e os profissionais da saúde. A espiritualidade também está associada ao propósito e sentido de vida pessoal e profissional, o que ajuda os profissionais da saúde nas relações sociais, e tomada de decisões morais³⁸. Ou seja, a espiritualidade é uma dimensão importante para a competência moral na área médica. Para isso, aponta-se a importância de uma formação contínua e integral na área saúde, tais como: o entendimento sobre a espiritualidade e a religiosidade e suas implicações no modo de viver, e nas tomadas de decisões referentes ao estado de saúde-doença, que pode ajudar a diminuir os conflitos morais entre as questões religiosas, espirituais e a saúde.

Considerações

Considera-se que a espiritualidade é parte do construto e desenvolvimento humano, tais como: as religiosas e as morais. Nota isto nas diferentes abordagens epistemológicas: na filosofia pré-socrática, em Platão, em Agostinho, em Aristóteles, em Tomás de Aquino, Kant, Piaget, Kohlberg e Fowler. Para eles, existe uma relação entre as questões morais com as espirituais (religiosas ou não).

Cogita-se que a noção de espiritualidade possui uma disposição para competência moral no que tange a reflexão ética-moral. No estado de

³⁷ Entende-se como *coping* uma forma de enfrentamento, que pode ser positivo quando proporcionar resiliência, superação e aceitação, ou negativo quando causa sentimento de culpa, vergonha, medo, agressão e estresse (GERONE, 2015).

³⁸ Ao sangue, à eutanásia, à cura, a práticas de cura, a medicamentos, à doação de órgãos, a questões sobre o direito de morrer, a procedimentos cirúrgicos e ao recebimento de visitas (GERONE, 2015).

espírito avalia a si mesmo, a ação moral e social, que se desdobram no comportamento da autonomia, da solidariedade e altruísmo. Dimensões que compõe a noção da espiritualidade.

Considera-se que dentro da religiosidade, a moral associa-se mais aos costumes, tradições e normas, representadas por um sistema de doutrinas e dogmas religiosos que podem reduzir a competência moral. Um sujeito religioso pode evitar tomar decisões morais quando vão contra as suas crenças religiosas, que são interpretadas como leis e princípios divinos perfeitos, portanto, não cabíveis de discussões, inibindo os argumentos contrários as crenças religiosas. Surgindo assim, a segmentação moral.

Sobre isto, não se pretende desvalorizar as crenças religiosas ou criar um discurso ateu e relativista. Todavia, ciente da relação entre a moral e a religião, a espiritualidade como um construto de todo ser humano que pode levar a religiosidade é uma intermediadora entre as questões religiosas e morais, pois a espiritualidade corporifica um conjunto de pensamentos e atitudes que vão além da religiosidade, o que ajuda na competência moral, como a construção de uma visão integral nas experiências morais.

O ser religioso pode se apegar ao sistema de doutrinas e dogmas para interpretar e agir de acordo a sua percepção moral, entretanto, neste processo, é necessário encontrar um sentido e propósito que remetem ao âmbito de espírito, que em última análise é avaliar-se e transcender a ação moral. Ora, crenças religiosas sem um sentido e propósito que transcenda a ação podem ser reducionistas e demagogas, fechando em si mesmo os próprios valores, objetivando a experiência da crença e da fé apenas em práticas segregadas. Ao contrário disto, independente da religião, a crença religiosa como uma expressão da fé envolve um nível de assimilação

racional no estado de espírito, como, questionar a existência (ou não) do Divino, buscar o transcendente aqui e no além, encontrar significado de valores no simbólico, e na testificação³⁹, que levará o sujeito a realização e a assimilação do amor à verdade, da compaixão para com os sofredores e os indefesos, e da construção de valores que torna sensíveis as realidades⁴⁰, com seriedade e integralidade (BOFF, 2010).

Por fim, de acordo com Cremonese (2019) a integralidade é pauta das reflexões morais na contemporaneidade, tanto as religiões e as ciências não podem limitar seus valores em si mesmos, é preciso transcender⁴¹. E isso se dá através de uma educação⁴² que vise à formação integral, como por exemplo, na formação médica contemporânea aborda-se a espiritualidade⁴³ como uma dimensão que influencia as tomadas de decisões referentes ao estado de saúde e doença.

³⁹ Ato de testificar, testemunhar, compartilhar, comungar, experimentar, vivenciar os valores religiosos.

⁴⁰ De acordo com Moses (2009) existem 64 princípios morais comparados entre as religiões, alguns deles: "A regra de ouro", "ama o teu próximo", "há um só Deus", "é melhor dar do que receber", "o Reino do Céu está dentro de nós", "colhemos aquilo que semeamos", "a verdade é universal", "honra teu pai e tua mãe", "ama os teus inimigos", "nem só de pão vive o homem", "bem-aventurado aquele que perdoa" e "Deus é amor".

⁴¹ Transcender o que é genérico, uma **transdisciplinaridade**: não atinge apenas as interações ou reciprocidades, mas situa-se nas relações no interior de um sistema total, na interação global das várias ciências ou visão de mundo (cosmovisão).

⁴² A educação não está restrita apenas a escola, mas trata-se de "uma prática humana e social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal (LIBANEO, 2001, p. 06-07).

⁴³ Fowler (1992) elaborou estágios da fé (espiritualidade) com implicações morais. Para Fowler a Fé é um recurso para a busca de sentido e experiências na vida, que se constrói na inteiração com ambientes educativos, família, escola e sociedade e outros.

Referências

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.

BATAGLIA, P. U. R. **A construção da competência moral e a formação do psicólogo**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 20 São Paulo, 2001.

BATAGLIA, P.U.R. **Competência moral**: contribuição para a elaboração do constructo. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Câmpus de Marília, 2020.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, L. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Cremonese, D. Ética e moral na Contemporaneidade. Campos Neutrais – **Revista Latino-Americana de Relações Internacionais** Vol. 1 Nº 1, Janeiro – Abril de 2019

FOWLER, J. W. **Estágios da Fé**: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GERONE, L. G. T. de. GERONE JUNIOR, A. de. Um estudo sobre a espiritualidade no cuidado em saúde sob uma perspectiva teológica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 09, Vol. 01, pp. 137-156. Setembro de 2020. ISSN: 2448-0

9 5 9. Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/perspectiva-teologica>, DOI:

10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/perspectiva-teologica. Acesso em: 17 dez. 2020.

GERONE, L. G, T,de. **Um olhar sobre a Religiosidade/Espiritualidade na Prática do Cuidado entre profissionais de saúde e pastoralistas.** – Escola de Educação e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.(Mestrado em Teologia). Curitiba, 2015. Disponível em: http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3116. Acesso em: 17 dez. 2020.

GERONE, L. G. T. de. A espiritualidade no contexto da ciência da Saúde. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 05, Ed. 09, Vol. 01, pp. 1 2 1 - 1 3 6 . S e t e m b r o d e 2 0 2 0 . I S S N : 2 4 4 8 - 0 9 5 9. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/ciencia-da-saude>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/ciencia-da-saude. Acesso em: 17 dez. 2020.

GOMES, F. J. "As comunidades cristãs da época apostólica". *In: Phoinix*, Rio de Janeiro, 3: 139-156,1997.

HABERMAS, J. *L'avenir de la nature humaine*. Paris, Gallimard, 2002.

JEAGER, W. **Paideia:** A formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos.** São Paulo: Martin Claret: 2004.

KOHLBERG, L. (1981). **Ensaio sobre o Desenvolvimento Moral**. Volume I; A filosofia do desenvolvimento moral. Nova Iorque.

LIBANELO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.** Curitiba, n. 17, p. 153-176, junho de 2001.

LIND, G. **Introduction to the Moral Judgment Test** (MJT). 2006. Disponível em: <http://www.uni-konstanz.de/ag-moral/mut/mjt-intro.htm>. Acesso em: 14 dez. 2020.

MOSES, J. "**Unidade: os Princípios Comuns a todas as Religiões**". Editora Sextante, 2009.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

SILVA, F. O que há de religioso no desenvolvimento humano: uma revisão da literatura. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018, p. 212-223

TRABULSI, J. A. D. **Religião e Política na Grécia**: das Origens até a Pólis Aristocrática. *Clássica*, 5/6, 133-147, 1992/93.

ZANELLA, D. **Kant Immanuel em Religião À Moral Da Passagem**. Mestrado De Dissertação. Universidade Ccsh – Humanas E Sociais Ciências De Centro Filosofia De Departamento Filosofia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9050/DIEGOCARLOSZANELLA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 02 Dez 2020.

